

PEREGRINAÇÃO ANIVERSÁRIA DE SETEMBRO DE 2014

Homilia da Missa do dia 13

Do templo ao mundo: reunir em Cristo tudo o que há no céu e na terra (Ef 1, 10)

Com a autoridade moral que lhe é reconhecida dentro e fora da Igreja, garante-nos o Papa Francisco que “*no coração do Evangelho [...] o que sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus*” (EG 36) e que “*o Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva [...] e a sair de nós mesmos para procurar o bem de todos*” (EG 39). Notemos: a iniciativa e a força da salvação provém do amor de Deus por nós, mas nós temos, também, de actuar esse amor em benefício da humanidade. Para além de muitas outras possíveis interpretações, creio bem que as leituras desta Eucaristia apontam para este duplo movimento de recepção e de dádiva. Vejamos.

Na primeira, faz-se referência a uma mulher, de nome Judite, que, na fé e em clima de oração, salva o seu povo sitiado pelo terrível comandante Holofernes, oficial do não menos terrível Nabucadonosor. A Igreja aplica esta passagem a Nossa Senhora, a «honra da nossa terra», aquela que traz a salvação a um mundo cercado pela injustiça e pela maldade. A segunda leitura diz-nos que esta salvação é Cristo, o filho da Virgem Maria. É n’Ele que somos abençoados “*com toda a espécie de bênçãos espirituais*” e é n’Ele que se manifesta o “*plano*” de Deus para o mundo: o de “*submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra*” (Ef 1, 3.9-10). Este plano de salvação passa por uma nova ordem social, à escala global, edificada com os valores do Reino de Deus: a verdade e liberdade, a justiça e o amor/caridade.

Por sua vez, o Evangelho acentua esta bipolaridade ou tensão entre o templo e o mundo, entre a oração e a vida, entre o estar imerso em Deus e a necessidade de operar a fé no contexto da cidade dos homens. Sem oposição ou contradição, pois os tais dois pólos são tão inseparáveis que constituem como que as duas faces da mesma moeda. Por isso, o Menino Jesus, o «verdadeiro Deus e verdadeiro homem», “*crescia em sabedoria, em estatura e em graça [não só] diante de Deus, [mas também diante] diante dos homens*” (Lc 2, 51). Bíblicamente, a sabedoria e a graça são atributos divinos, próprios do Pai, que Jesus, na sua vida pública, colocará ao serviço dos homens.

Toda a revelação bíblica se move, portanto, entre o amor misericordioso de Deus e a salvação do mundo. Ora, se ontem à noite me centrei mais na santidade, agora gostava de acenar, brevemente, à dimensão social da fé.

A Igreja, tal como Cristo, liga-se ao homem concreto. Aliás, um dos documentos mais célebres do Concílio Vaticano II, começa assim: “*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as*

tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (LG 1). Na conhecida e feliz expressão de São João Paulo II, “*o homem é a via da Igreja*”. Então, a fidelidade à fé passa por fazer o que Cristo faz, isto é, actuar a salvação no mundo, como tão bem acentua o Papa Francisco na sua Exortação “A Alegria do Evangelho”. Por conseguinte, hoje, a pergunta sensata não é mais a ociosa dos séculos passados: Deus existe? Mas sim as que supõem e exigem compromisso: como é Deus?; onde e em quem O encontro?; como fazer para ser digno filho seu?; como actuar a salvação que Ele oferece ao mundo? Perguntas necessárias, pois o redimido sabe e sente que, na graça de Deus, pode e tem de ser redentor.

Mas qual o objectivo ou meta da actuação cristã no mundo? Di-lo a mesma doutrina da Igreja: a edificação de uma “*inteira família humana*” (GS 22), isto é, um mundo unido e de rosto voltado para Deus, sua origem e seu destino (cf GS 93). Ora, o nosso mundo, nem está voltado para Deus nem está unido, como sabemos. É verdade que são escusados pessimismos doentios. Mas também não podemos ignorar a realidade. Olhamos à volta e vemos, mesmo da parte dos que se dizem cristãos, uma fé sem espiritualidade, desprezo dos sacramentos, ausência de oração familiar, prática religiosa meramente ocasional, perda do sentido do pecado, comportamentos contraditórios com a doutrina da fé, etc. E a nível das realidades terrenas? Também predomina o culto do deus-dinheiro, o materialismo de vida, a violência estrutural, o pan-sexualismo, o desprezo da vida humana, a corrupção, as injustiças flagrantes, o individualismo feroz, etc.

Neste particular, não há razões para optimismo. Um homem entregue a si mesmo, sem referência a Deus, tem dificuldade em se promover, de se elevar. E torna-se capaz das piores baixezas. É que, sem um Pai comum, não há fraternidade de irmãos. Por isso, é capaz de massacrar, crucificar, fuzilar, degolar, ainda que seja em nome da religião, como está a acontecer aos cristãos do Iraque, Síria, Eritreia e de outros lugares do mundo. E os governantes ficam impávidos e serenos como se esta barbárie extrema não lhe dissesse respeito. Não! Um mundo que consente barbaridades é porque convive com elas e lhe tomou o gosto. Mas nós sentimo-nos chocados e indignados. Rezamos pelos perseguidos e pela conversão dos perseguidores, asseguramos às vítimas a nossa proximidade espiritual, a nossa solidariedade e a garantia de que não serão esquecidos e pedimos a quem de direito, concretamente à ONU, que faça alguma coisa para acabar com este execrando genocídio, verdadeiro crime contra a humanidade.

E o mal no mundo não se fica por aqui. Pensemos nas novas frentes de conflito como na Ucrânia, na incapacidade de o Estado «domesticar» a economia, nos fluxos de capitais, na economia virtual, no desemprego sistémico mormente dos jovens, nas questões vitais globais como acesso à água potável, à distribuição dos recursos energéticos, à segurança alimentar, ao enquadramento dos fluxos migratórios, etc. Ou nos novos desafios que hoje se colocam a nível mundial, tais como a liberdade religiosa, a perseguição dos cristãos no mundo, a crise de

valores, a emergência educativa particularmente para saber lidar com a internet, o uso inadequado das ciências biológicas, o comércio de armamento, as novas questões de segurança, etc.

Curiosamente, quando estes novos e enormes problemas mais reclamam o contributo de todos, afasta-se ostensivamente uma dimensão estruturante da cultura e da alma do Ocidente: o cristianismo. Primeiro foi a filosofia que pretender «matar Deus». Depois, foi a política que, em nome da sua autonomia, recusou todo o contributo religioso e ético. Agora é a cultura dominante que, na ânsia de uma liberdade sem conteúdos, faz a figura do adolescente: está sempre contra o que o pai lhe diz, mesmo que seja –e é!- para o seu bem. O Ocidente persiste em continuar órfão de Deus. Mas corre perigos graves, como alguns sábios já alertam. Será que o Ocidente está à espera que outros, vindos de fora, lhe imponham outro Deus e outra cultura?

Obviamente, também há razões de esperança. Dou apenas um exemplo. Não obstante a elevadíssima taxa de mortalidade que o vírus Ébola causa, os missionários que trabalham na zona de África onde ele alastra decidiram lá continuar. Por algum motivo, o primeiro –e creio que o único- europeu que morreu vítima deste vírus foi um missionário espanhol: o padre e médico Pajares. Não admira: a fé exige compromisso. E este, a seu tempo, frutificará. Vem-me à memória a conhecida passagem do conto da grande poetisa Sophia de Melo Breyner que põe na boca do rei mago Gaspar o hino do optimismo cristão: “*O que pode crescer dentro do tempo senão a justiça?*”.

Conta a Irmã Lúcia que, na aparição de Julho, ela e os primos fizeram vários pedidos a Nossa Senhora. Quando escreveu as memórias, já se não lembrava bem em que consistiam estes pedidos. Mas recordava-se de uma coisa: “*que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem essas graças*”. Isto confirma o que venho afirmando: a fé exige actuação e esta reclama fé, expressa na recomendada oração do terço diário.

Aqui, neste Santuário, o grande mote deste ano de 2014, já na preparação próxima para a comemoração do centenário das aparições, é o que está escrito debaixo deste altar: “*Envolvidos no amor de Deus pelo mundo*”. Ele diz-nos alguma coisa? Deixamo-nos envolver pela santidade de Deus e estamos dispostos a levá-la ao mundo? Se sim, temos direito a considerar-nos verdadeiros peregrinos de Fátima; se não, não chegamos, sequer, ao limitar do cristianismo.

D. Manuel Linda
Bispo das Forças Armadas e de Segurança de Portugal